

GEISA MARI GASPAROTTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: A LITERATURA INFANTIL COMO ELEMENTO DE
MEDIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA**

MARINGÁ

2011

GEISA MARI GASPAROTTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: A LITERATURA INFANTIL COMO ELEMENTO DE
MEDIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero.

MARINGÁ

2011

GEISA MARI GASPAROTTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: A LITERATURA INFANTIL COMO ELEMENTO DE
MEDIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero/UEM

Prof^ª Dr^ª. Aparecida Meire Calegari-Falco/UEM

Prof^ª Dr^ª.Luciana F. Lacanallo/UEM

Dedico à minha família, João, Edna e Leonardo e especialmente ao “nono” (avô João) que me apoiaram em mais esta conquista, sempre me dando força e mostrando-me a importância da determinação para buscar meus ideais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à **Deus**, por minha existência e determinação para a busca de meus objetivos.

Aos meus pais **João** e **Edna** que foram imprescindíveis em mais esta conquista, apoiando-me sempre.

Ao meu irmão **Leonardo**, por estar sempre ao meu lado.

A tia **Dinda** e a Prima **Bruna** que sempre me ajudaram e apoiaram em todos os momentos da minha vida.

A **todos meus familiares** que me ajudaram sempre que precisei com palavras otimistas em todos os momentos.

Aos meus professores que compartilharam seus conhecimentos com toda dedicação.

Em especial à professora **Celma** pela dedicação com que me orientou, sempre compreendendo minhas limitações nos momentos difíceis e acreditando em meu potencial.

Às amigas: **Larissa, Bruna, Joice, Andressa** e **Stephanie**, por todo carinho e palavras de conforto no momento em que mais precisei, por desfrutarmos juntas de momentos maravilhosos, que levarei por toda minha vida.

E a todos as pessoas que influenciaram direta e indiretamente nessa trajetória, contribuindo em todos os momentos para o meu crescimento.

“Aprendi a respeitar as ideias alheias, a deter-me diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar.”

(Norberto Bobbio)

PEDAGOGIA HOSPITALAR: A LITERATURA INFANTIL COMO ELEMENTO DE MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Geisa Mari Gasparotto¹

Celma Regina Borghi Rodriguero²

RESUMO

A pedagogia hospitalar promove a vivência de sensações e emoções de forma intensa e lida com elas na medida em que auxilia a criança da melhor forma possível no convívio com a doença e o ambiente hospitalar. Nesta perspectiva, a Pedagogia na ambiência hospitalar apresenta-se com o propósito de amenizar o estresse da hospitalização e promover situações de desenvolvimento e aprendizagem. O interesse pelo estudo da temática em tela pode ser explicado e justifica-se pela restrita exploração do mesmo na formação acadêmica, e pela participação como bolsista no Projeto de Extensão “Intervenção Pedagógica junto à Criança Hospitalizada”, desenvolvido na pediatria do Hospital Universitário de Maringá (HUM) e que, tem como finalidade, compreender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar e sua contribuição para o bem-estar, desenvolvimento e aprendizagem da criança hospitalizada. Para a realização deste estudo de caráter teórico e, apresentado no formato de artigo, realizou-se uma revisão teórica referente ao papel e características da educação no hospital e, na sequência uma reflexão sobre a utilização da literatura neste contexto. Importante destacar que o estudo teve como foco a atuação do pedagogo, no ambiente hospitalar e, portanto, objetivou analisar a literatura infantil como ferramenta de mediação no desenvolvimento de crianças hospitalizadas além resgatar recursos literários utilizados no projeto de extensão. Como resultados foi possível compreender que a literatura infantil é um dos recursos pedagógicos que só tem a contribuir para a formação, desenvolvimento das crianças, além de estimularem a sonhar, viajar por mundos jamais vistos, promover a interação de maneira espontânea entre a mediação educador e educando e até entre as próprias crianças.

Palavras - chave: Mediação. Literatura Infantil. Hospitalização

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

² Professora Ms. do Departamento de Teoria e Prática da Educação. Orientadora do trabalho de conclusão de curso.

ABSTRACT

Hospital pedagogy stimulates the experience of intense feelings and emotions, it deals with them in a way that helps the child coexist in the best possible way with the disease and the hospital environment. In view of this, pedagogy in the hospital's environment is presented in order to alleviate the stress of hospitalization, encourage development and learning situations. The interest in studying the topic being discussed can be explained and justified by the limited use of academic training and by the participation as a scholarship student of the Extension Project "Educational Intervention with the Hospitalized Child", developed in pediatrics at Maringá's University Hospital (HUM) that aims to understand the role of the educator in the hospital and its contribution to the well-being, development and learning of hospitalized children. For the realization of this theoretical study, presented in article format, there was a theoretical review on the role and characteristics of education in the hospital and following a discussion on the use of literature in these conditions. It is important to highlight that the study focused on the role of the educator in the hospital's environment and therefore aimed to analyze children's literature as a mediating tool in the development of hospitalized children in addition to rescue literary tools used in the extension project. As a result it was possible to comprehend that children's literature is an educational resource that would just contribute to the shaping of children's development and to stimulate dreaming, traveling through worlds never seen before, to encourage spontaneous interaction between the educator's mediation and the pupil and even between the children themselves.

Keywords: Mediation. Children's Literature. Hospitalization

SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
2	Pedagogia Hospitalar: Resgatando aspectos históricos e apontando características.....	11
3	Literatura Infantil: Contribuição para a Educação.....	15
4	A literatura Infantil no Hospital: Conquistas partilhadas.....	18
5	Considerações Finais.....	28
6	Referências.....	29

1 Introdução

A Pedagogia Hospitalar vem se expandindo no atendimento à crianças hospitalizadas e, deve estar voltada para o ser global, visando o seu desenvolvimento por completo, pois a criança quando hospitalizada se vê frente a uma realidade diferente da que vivencia cotidianamente. Segundo Novaes (1998), a criança se vê envolvida com ameaças ao seu bem estar físico e emocional, sendo privada de seus afazeres cotidianos dentre eles os estudos.

Tendo em vista o embasamento legal contido na legislação vigente que ampara e legitima o direito à educação, os hospitais devem disponibilizar às crianças e adolescentes um atendimento educacional de qualidade que possibilite condições para seu desenvolvimento intelectual, pois a criança hospitalizada tem os mesmos direitos que as demais.

Neste momento, como defendem alguns teóricos entre os quais (Taam, Fontes, Ortiz, Caiado e Vasconcellos) a criança é considerada alguém com necessidades especiais, mesmo que temporariamente. E, por meio de estudos realizados no contexto hospitalar, destaca-se a literatura infantil como uma ferramenta do saber/conhecer que ultrapassa as imposições de adoecimento, para atingir a expansividade da criança, proporcionando então uma intervenção educacional composta por atividades recreativas sem o rigor/exigência da continuidade de uma vida acadêmica, mas que é intencional e estimula a capacidade cognitiva.

A Pedagogia Hospitalar, portanto, promove a vivência de sensações e emoções de forma intensa e lida com elas na medida em que auxilia a criança no convívio com a doença e o ambiente hospitalar. Estudos têm mostrado que a literatura infantil pode abordar essas emoções e sensações, transformando este ambiente em espaço de mediação onde a criança tenha a possibilidade de continuar desenvolvendo as suas habilidades cognitivas e sociais. Portanto, a Pedagogia no ambiente hospitalar apresenta-se então com o propósito de amenizar a dor, mas oportunizando a aprendizagem.

O interesse pela temática do estudo em tela, explica-se e justifica-se por ser pouco explorado na formação acadêmica e, pela participação como bolsista no Projeto de Extensão “Intervenção pedagógica junto à criança hospitalizada”, desenvolvido no Setor de Pediatria do Hospital Universitário de Maringá (HUM), e que tem como finalidade compreender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar e sua contribuição para o bem-estar, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança hospitalizada. Vários recursos pedagógicos podem ser utilizados pelo pedagogo no processo de mediação, estimulando o desenvolvimento das crianças. Dentre os recursos utilizados no projeto podemos destacar a brincadeira, os jogos, a arte, a literatura,

entre outros. Neste artigo o foco está voltado para a Literatura Infantil como elemento de mediação, por constituir-se no recurso que mais chamou atenção e impulsionou o aprofundamento das leituras. Assim, nesta pesquisa busca-se analisar a literatura infantil como ferramenta de mediação no desenvolvimento de crianças hospitalizadas e identificar algumas estratégias literárias utilizados no projeto de extensão.

Para o desenvolvimento do estudo, primeiramente apresenta-se um resgate do papel e das características da educação no hospital, além disso, busca-se nos estudos de Lev Semenovich Vigotski, reflexões sobre a maneira como a literatura pode ser utilizada visando o desenvolvimento e a aprendizagem. Para melhor organização, o trabalho foi dividido em três momentos: no primeiro, apresenta-se um breve resgate histórico da Pedagogia Hospitalar, destacando como se iniciou, seu papel, importância e como é desenvolvida; em seguida desenvolve-se uma sucinta discussão acerca da Literatura Infantil e sua contribuição para a educação e, finalmente, num terceiro momento apresenta-se uma análise da literatura e sua prática no ambiente hospitalar com ênfase na mediação.

2 Pedagogia Hospitalar: resgatando aspectos históricos e apontando características

Para compreender o atendimento e a prática pedagógica hospitalar na contemporaneidade faz-se necessário resgatar alguns de seus aspectos históricos. Sobre a educação no hospital, pode-se afirmar, conforme destaca Caiado (2003 p. 72), que o atendimento não é recente,

[...] em 1.600, ainda no Brasil Colônia, foi criado o primeiro atendimento escolar à pessoa deficiente, na Santa Casa de Misericórdia, cidade de São Paulo. Marco histórico que revela a longa trajetória entre saúde e Educação Especial no país, que se entrecruzam desde o nascimento do atendimento educacional especial.

No Brasil, o processo de ensino-aprendizagem no contexto hospitalar, conforme Fontes (2005, p.1-2), “[...] surgiu com o Hospital Municipal Jesus (RJ), em 1950, com crianças com paralisia infantil que permaneciam hospitalizadas durante anos. O objetivo do trabalho era fazer a criança não perder o ano letivo acompanhando o conteúdo curricular dentro do hospital”. Assim, classe hospitalar segundo a autora refere-se a um espaço em que o professor atua como ponte entre o hospital e a escola.

A Pedagogia Hospitalar vem se expandindo no atendimento à criança hospitalizada, e em muitos hospitais do Brasil tem se enfatizado a visão humanística, com ações defendidas na

área da saúde como o Programa Nacional de Humanização no Atendimento Hospitalar (PNHAH) que contempla, ações visando resgatar a importância dos aspectos humanos e não apenas o científico e biomédico, que tem sido o elemento norteador do trabalho na área da saúde na atualidade, centrando-se mais na doença do que no próprio doente como um todo.

De acordo com Ortiz & Freitas (2005), a classe hospitalar surge como uma modalidade de atendimento prestado a crianças e adolescentes internados em hospitais e ampara-se no reconhecimento de que estes, uma vez afastados da vida acadêmica e privados da convivência em comunidade, vivem sob o risco do fracasso escolar, e de possíveis transtornos em seu desenvolvimento.

Com base na legislação que ampara e legitima o direito à educação, os hospitais devem disponibilizar às crianças e adolescentes um atendimento educacional de qualidade e que possibilite o desenvolvimento e a aprendizagem.

A Constituição Federal Brasileira do ano de 1988 em seu artigo 205 propõe “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p. 95). Sendo assim, durante a permanência da criança ou do jovem no hospital, nada impede que novos conhecimentos sejam adquiridos, e possam contribuir para seu desenvolvimento pessoal, nos aspectos, cognitivo e educacional.

Também neste contexto, a Resolução n. 41/95, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, garante para esta parcela da população, o “[...] direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento de currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (CONANDA 1995, Apud CALEGARI-FALCO *et al*, 2010, p. 62). Portanto, nos termos da política de educação especial, da política de inclusão ou da política de atenção à diversidade do Ministério da Educação - MEC, crianças e adolescentes hospitalizados são portadores de necessidades especiais.

Como enfatiza Fontes (2005), é preciso deixar claro que tanto a educação não é elemento exclusivo da escola quanto a saúde não é elemento exclusivo do hospital, o hospital é inclusive, segundo definição do próprio Ministério da Saúde, um centro de Educação.

Hospital é a parte integrante de uma organização médica e social, cuja função básica consiste em proporcionar à população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob quaisquer regimes de atendimento, inclusive o domiciliar, constituindo-se também em centro de educação,

capacitação de recursos humanos e de pesquisas em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculados tecnicamente (BRASIL, 1997, p. 3929).

Desta forma é possível compreender a Pedagogia Hospitalar, como assevera Fontes (2005) como uma proposta diferenciada da pedagogia tradicional, uma vez em que está em âmbito hospitalar e que visa construir conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem e que possam contribuir para o bem-estar da criança enferma.

A finalidade primeira do atendimento pedagógico hospitalar é contribuir para a melhora geral do ser humano, à medida que o indivíduo tem a oportunidade de passar da situação de objeto para sujeito, conforme afirmam Ceccim e Carvalho (1997), uma vez que pode, interagir nas atividades pedagógicas propostas, quando antes era apenas mero espectador em seu leito hospitalar.

Conforme Calegari-Falco *et al* (2010), a pretensão pedagógica é antes de mais nada ajudar a criança ou adulto enfermo, hospitalizado de modo que, mesmo vivendo um período difícil, consiga continuar se desenvolvendo em todos os aspectos, com a maior normalidade possível. Para que esta ação se concretize, três áreas de atividades são definidas, reunindo os objetivos específicos da atuação da Pedagogia Hospitalar: área de atividade escolar; área de atividade recreativa; e, área de atividade de orientação.

É importante destacar o caráter que a intervenção pedagógica deve assumir no ambiente hospitalar, sabendo que não se pode priorizar a educação escolar, pois não é intenção transformar o hospital em escola, o profissional deve compreender o estado psicobiológico do enfermo, colaborando com a equipe médico-hospitalar, devendo, deste modo, estar ciente que a cura é prioritária.

No que se refere à função do pedagogo/professor conforme Fontes (2005) essa deve ser de ressignificação do espaço para a criança enferma, ou seja, simultaneamente, um espaço educativo e, para as crianças que permanecem internadas por longos períodos, se torne um espaço escolar, na medida em que são incorporados os conteúdos escolares da série em que a criança se encontra matriculada. Portanto, na dificuldade em estabelecer contato com a professora e instituição, tais conteúdos podem ser elaborados pelo próprio professor de acordo com o nível de conhecimento identificado na criança.

Destaque deve ser feito também à questão da formação, pois como destaca Fontes (2005, p. 123)

Embora a grande maioria de professores que atuam com crianças em hospitais possua formação em nível de pós-graduação na área educacional, a

formação em serviço é indubitavelmente, o que tem assegurado um nível de qualidade crescente nessa modalidade de atendimento pedagógico, uma vez que não exista um curso reconhecido pelo MEC voltado para esse tipo de profissionalização.

Portanto, para a autora, apenas isso não é suficiente, é preciso uma melhor qualificação para que se possa oferecer um atendimento de qualidade para as especificidades exigidas para um atendimento pedagógico-educacional da clientela infanto-juvenil internada, que geralmente são contempladas com cursos de especialização na área.

Na prática, o pedagogo depara-se com uma infinidade de patologias infanto-juvenis que estão em um mesmo espaço e por suas especificidades demandam tempo e espaço diferenciados de atuação pedagógica, assim o ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces como a política, a pedagógica, a psicológica, a social, a ideológica e, para Fontes (2005), nenhuma delas é tão constante quanto a da disponibilidade de estar com o outro e para o outro.

Nesta linha de pensamento Ceccim apresenta o termo escuta pedagógica como um conceito importante, capaz de agenciar conexões, necessidades intelectuais, emoções e pensamentos.

O termo escuta provém da psicanálise e diferencia-se da audição. Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta refere-se à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras, as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e postura. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, ao contrário, busca perscrutar os mundos interpessoais que consistem a subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade (CECCIM, 1997, apud FONTES, 2005 p. 123).

Na perspectiva de Fontes (2005), tal escuta tem como finalidade adentrar o mundo das subjetividades da criança enferma tornando-se uma escuta à vida, na qual se torne possível resgatar o conceito de saúde como afirmação da própria vida. A autora ainda apresenta a escuta pedagógica, como uma escuta que proporciona o diálogo, diferenciando-se das demais escutas realizadas pelo serviço social ou pela psicologia no hospital, pois proporciona a construção do conhecimento de uma forma lúdica e prazerosa.

Diante dessa possibilidade de atendimento, a autora destaca o fato de que, tanto as crianças, quanto os seus familiares devem ser vistos como seres pensantes que ao chegarem ao hospital trazem histórias de vida, conhecimentos previamente construídos sobre o que é

saúde, o que é doença, além de seu modo de agir diante desse contexto. Neste momento cabe ao professor articular o saber cotidiano do paciente e o saber científico do médico, sempre respeitando as diferenças que existem entre tais saberes.

Dessa forma, a contribuição da Pedagogia no ambiente hospitalar permite que as crianças criem, sonhem, imaginem, amenizando as conseqüências da enfermidade e da hospitalização, auxiliando-as em seu processo de recuperação. Em relação a atuação do profissional da educação no ambiente hospitalar, destaca-se o seguinte parecer:

[...] Se o Pedagogo, hoje, conta com espaços de atuações em hospitais, é porque houve reconhecimento da necessidade e conveniência de sua presença, esse novo papel compreende, pois os procedimentos necessários à educação de crianças/adolescentes enfermos, de modo a desenvolver uma singular atenção pedagógica aos escolares doentes que se encontram em atendimento hospitalar, e por extensão ao próprio hospital na concretização de seus objetivos (MATOS, 2001, p.45).

Disso depreende-se que, num ambiente onde as crianças sintam-se valorizadas e seguras para expor suas dúvidas, emoções e sensações se sentirão instigadas a criar e a viajarem para lugares fantasiados na sua imaginação, amenizando assim os momentos difíceis vividos no ambiente hospitalar, além de continuarem seu desenvolvimento cognitivo, através das atividades interdisciplinares, ligadas à literatura infantil, de modo lúdico e descontraído, mas com intencionalidade.

A humanização proporcionada pelo carinho e afetividade entre educador e educando, transforma o ambiente frio do hospital, em lugar de aconchego e tranqüilidade, tornando o momento de internação mais leve e suportável, para o aluno-paciente e, proporcionando à criança a vontade de viver e continuar seus sonhos além deste espaço, onde os sonhos não tenham limite a vida possa ser, sua maior conquista.

3 Literatura Infantil: contribuição para a educação

Conforme relatado na literatura, os primeiros livros voltados para as crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante século XVIII. De acordo com Castro (2008) autores como La Fontaine e Charles Perrault escreviam suas obras, enfatizando principalmente os contos de fadas. A partir de então, a literatura infantil foi tendo seu espaço e tornando-se importante. Assim, foram surgindo muitos autores, como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato, imortalizados pela grandiosidade de suas

obras. Nesta época, a literatura infantil era oferecida como mercadoria, principalmente para a sociedade aristocrática. Com o passar do tempo, houve a modernização da sociedade por meio da industrialização, ampliando a produção de livros.

A partir daí, para adquirir os livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita, e competia à escola desenvolver esta capacidade, os vínculos entre a escola e literatura começam então a se estreitar. De acordo com Lajolo & Zilbermann (2002, p.25) "[...] a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo".

Nascia então, outro aspecto relevante para a literatura infantil, como destaca Castro (2008, p. 2) “[...] tratando-se na verdade de uma literatura produzida para adultos e aproveitada para a criança. Com um aspecto didático-pedagógico baseado numa linha moralista, paternalista, centrada numa representação de poder”. Era, portanto, uma literatura para estimular a obediência, segundo a igreja, o governo ou o senhor. Uma literatura intencional, cujas histórias acabavam sempre premiando o bom e castigando o considerado mau. Segue-se à risca os preceitos religiosos e considera-se a criança um ser a se moldar de acordo com o desejo dos que a educam, podendo-lhe aptidões e expectativas.

Até as duas primeiras décadas do século XX, segundo Castro (2008), as obras didáticas produzidas para a infância, ofereciam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha como objetivo único educar, apresentar modelos, moldar a criança de acordo com as expectativas dos adultos. A obra raramente tinha objetivo de tornar a leitura prazerosa. Poucas eram as histórias que discorriam sobre a vida de forma lúdica, ou que retratavam o cotidiano, ou que tratavam de temas como amizade, companheirismo, o amigo da escola.

De acordo com Castro (2008), somente por volta dos anos 70 que essa visão de mundo, centrada no interesse do sistema, é substituída por uma revalorização da literatura infantil subsidiada em grande parte pelas obras de Monteiro Lobato, no que se refere ao Brasil. Ela então, se espalha por todos os momentos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias raciais, penetrando até no campo da política e suas implicações.

A literatura infantil hoje tem uma dimensão muito mais ampla e importante. Ela oferece à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis. Segundo Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias abordam problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Assim, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma por meio da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

Focando a prática da leitura no ambiente escolar é de suma importância que o contato das crianças com os livros seja estabelecido desde os primeiros momentos escolares, cabendo ao professor proporcionar momentos e situações de leitura que objetivem não só as atividades de análise, mas, também, atividades livres, de enriquecimento cultural. Nesta perspectiva explica Cunha (1995, p. 47).

[...] A leitura é uma forma altamente ativa de lazer, em vez de proporcionar sobretudo e alienação (daí a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência, e atenção, uma participação efetiva do receptor – leitor. Seria pois muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas afetivas de lazer – aquelas que tornem o indivíduo crítico e criativo mas consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto.

Importante destacar que o professor deve ter cuidado em não abrir mão totalmente do conteúdo sistematizado e ao lado de atividades livres, os mestres se preocupem em transformar a habilidade de leitura em aprendizagem significativa, propondo práticas de leituras que propiciem hábitos de reflexão crítica sobre a realidade que a obra oferece e a interpretação dessa realidade impressa pelo autor, que implica observar a interpretação de acordo com o nível de desenvolvimento que a criança se encontra, sendo capaz de ter uma visão diante da leitura que está fazendo. Isso proporciona aos educandos a sensação de amadurecimento da consciência a partir da leitura.

De acordo com Zilberman (1987) o emprego da literatura infantil na aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor o que justifica e demanda o seu consumo escolar. A autora ainda ressalta que “[...] enquanto instituições a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para crianças refletirem sobre sua condição pessoal”.

Para um trabalho efetivo com a literatura infantil, é necessário crer na competência cognitiva da criança. A cognição está ligada aos processos e produtos da inteligência incluindo o pensamento, a imaginação, a criatividade, a inteligência, a simbolização, a fantasia e os sonhos da criança, sendo assim deve-se atentar para esse leitor ouvinte que aprende a ler pela voz do outro e que adentra o mundo mágico da leitura antes mesmo de decodificar o signo lingüístico da escrita.

[...] As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos somos conduzidos a entender o mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da escolha positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica (ZILBERMAN, 1984, p. 107).

De fato a literatura tem imensa importância na prática pedagógica, permitindo o enriquecimento intelectual e imaginário da criança, proporcionando o prazer pelo ato de ler, que deve ser estimulado desde a educação infantil, tendo continuidade nas séries posteriores, o que certamente contribuirá para a leitura de outros gêneros. No entanto, o que hoje se verifica em sala de aula é um grande percentual de alunos que não adquiriram o gosto pela leitura, provavelmente pela ausência de estímulos.

4 A literatura infantil no hospital: conquistas partilhadas

A pedagogia no ambiente hospitalar, permite que a criança sonhe, imagine, crie, amenizando as conseqüências da enfermidade e do processo de hospitalização, auxiliando-a em seu processo de recuperação.

Como no ambiente escolar, a literatura infantil, também pode constar das atividades da prática pedagógica junto às crianças hospitalizadas, com uma intensidade igual ou até maior que nas escolas, pois a permanência no hospital sempre gera ansiedade e tensão devido ao fato das crianças estarem doentes e longe do convívio social.

Conforme Matos (2001), esse tipo de atividade pode amenizar as tensões naturais do próprio ambiente, estimulando a criança a desenvolver a imaginação, o gosto pela leitura-literária e a expressão criativa.



Imagem 1: Sala de Recreação/HUM, espaço onde é desenvolvido o projeto “Intervenção pedagógica junto à criança hospitalizada” (acervo do projeto)

Neste sentido, as atividades do Projeto de Extensão “Intervenção Pedagógica junto à criança hospitalizada” desenvolvido na pediatria do HUM, vem sendo realizadas, com o propósito de, além de compreender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, contribuir com o bem-estar e com os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

O projeto iniciou-se no ano de 2006, proposto pela professora Aparecida Meire Calegari-Falco e, recebe acadêmicos do Curso de Pedagogia, mas contou também, em alguns momentos, com acadêmicos de outros cursos e alunos de curso de especialização. Atualmente está sob a coordenação da professora Celma Regina Borghi Rodrigo.

Sob a perspectiva Histórico-Cultural, busca-se compreender o desenvolvimento infantil, por meio dos pressupostos que enfatizam as interações sociais, na formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, descritas por Vigotski, importante expoente da abordagem. Assim, entende-se que a criança hospitalizada, mesmo na situação de internamento continua se desenvolvendo e se tornam imprescindíveis ações que permitam a ela elaborar os efeitos negativos decorrentes da hospitalização.

A Lei n.11.104 (SANTIAGO 2005) tornou obrigatória a instalação de brinquedotecas nos hospitais brasileiros, o que faz com que conforme salienta Paula (s/d) as brinquedotecas atualmente, tenham se tornado uma realidade, pois segundo a autora esta lei surgiu a partir dos movimentos de humanização nos hospitais e sinaliza que a inclusão do brinquedo neste ambiente, proporciona parte da assistência e terapêutica às crianças e aos adolescentes hospitalizados, reconhecendo-se as necessidades infanto-juvenis e o papel da brincadeira para a promoção do bem estar físico e social neste ambiente.

Vários são os recursos lúdicos utilizados no projeto referido anteriormente, tais como: o desenho, a pintura, os jogos, a literatura entre outros. No desenvolvimento das atividades, permite-se que a criança escolha a atividade a ser realizada, tornando a atividade mais prazerosa, no entanto, essa é desenvolvida com critérios como a intencionalidade, por exemplo. Dentre as atividades realizadas destaca-se a Literatura Infantil, foco do estudo em tela, a qual tem ocupado significativo espaço no projeto. Observa-se que as crianças adoram o contato com os livros, com as figuras, com as histórias. É sempre um momento mágico em que se pode observar a interação entre o desenvolvimento e os sonhos das crianças.

De acordo com Held (1980), a literatura infantil possui um papel de grande importância na formação de homens críticos e a literatura infantil pode tornar-se um importante recurso a ser usado na infância, para despertar o prazer pela leitura. Também é objetivo, incentivar a imaginação, a criatividade, a viagem pelo mundo da fantasia e a identificação de si mesmo com o mundo que a cerca, bem como auxiliar na compreensão dos conflitos internos e questionamentos que a rodeiam. Outro aspecto que pode ser destacado no trabalho com a literatura é o desenvolvimento do imaginário infantil, favorecendo a construção do real, contribuindo para construção de um ser equilibrado e completo.



Imagem 2: Estante de livros do Projeto de Extensão: Intervenção Pedagógica junto à criança Hospitalizada (acervo do projeto)

Conforme Paula (s/d), quando a criança é internada há uma modificação em seu processo de desenvolvimento e na sua forma de ver o mundo, a internação provoca uma série de alterações na rotina da criança, do adolescente e dos familiares. Os pacientes podem apresentar perdas de algumas funções em vários níveis de seu desenvolvimento, mas na maioria das vezes não perdem a percepção do que está acontecendo à sua volta. Eles querem ser ouvidos, participar do que está acontecendo, querem ser respeitados. Dessa maneira, é importante que sejam encontradas alternativas de atividades nas quais as crianças possam voltar a participar das ações direcionadas à infância e à adolescência como também ao seu desenvolvimento cognitivo.

Sendo assim, é importante ressaltar os estudos de Vigotski (2007), acerca da relação entre aprendizagem e desenvolvimento nas crianças em idade escolar. O autor afirma que o aprendizado da criança inicia-se antes que ela frequente a escola, pois as situações de

aprendizagem que vivencia na escola são historicamente organizadas, no entanto é a escola, a responsável pelo saber organizado, sistematizado.

O autor refere-se a dois níveis de desenvolvimento, o nível de desenvolvimento real (NDR) e o nível de desenvolvimento potencial (NDP): onde NDR define as funções mentais da criança que ocorrem a partir de certos níveis já completos de desenvolvimento, ou seja, em que a criança consegue realizar determinada atividade por si mesma e; NDP, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes, portanto, neste nível a criança necessita de auxílio para realizar atividades. Entre esses dois níveis de desenvolvimento está a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o espaço onde ocorre a mediação, ou seja, onde são provocados os avanços que não aconteceriam naturalmente.

Ainda conforme Vigotski (1987), o desenvolvimento dos conceitos espontâneos e não-espontâneos relacionam-se e influenciam-se constantemente, fazendo parte de um único processo influenciado por questões internas e externas.

[...] O aprendizado é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo seu desenvolvimento mental (VIGOTSKI, 1987, p. 74).

Para o autor é no curso das relações sociais como uma atividade (inter-pessoal) que os indivíduos produzem, se apropriam e transformam as diferentes atividades práticas, ou seja, por um processo de mediação, é nesse processo que o sujeito reconstrói internamente os modos de ação externos compartilhados. A essa reconstrução interna de uma operação externa, Vigotski dá o nome de internalização. Neste percurso destaca-se a linguagem e, a literatura infantil, como ferramenta que possibilita essas relações. No entanto, para realizar um trabalho significativo por meio da literatura infantil, é necessário crer na competência cognitiva da criança.

É neste sentido que segundo Ortiz & Freitas (2005), o hospital pode se tornar um ambiente educativo, estimulando o paciente a experimentar formas de ganhar conhecimento nos acontecimentos da hospitalização. As autoras salientam que em meio à patologia, existem funções que se mantêm preservadas e é justamente nessas potencialidades que a educação deve apontar seus vetores.

O hospital também pode ser percebido como uma agência educativa oportunizando ao paciente experimentar não vivências do ensino formal

apenas, mas, como ideário do currículo oculto, formas de ganhar experiência no enfrentamento da hospitalização, na superação da morte, na sabedoria de perseguir sistematicamente o desejo de vida, na maturidade emocional e na estruturação de uma personalidade receptiva à evolução (ORTIZ e FREITAS, 2005, p. 43-44).

A literatura infantil como ferramenta utilizada pelo pedagogo no processo de mediação, ou seja, no ato de se fazer junto, fazer com a criança, torna os momentos mais significantes e prazerosos em meio à imaginação, a viagem por lugares que a criança jamais imaginou, transformando um momento de dor, medo e insegurança em momento mágico, de alegria, descontração e ao mesmo tempo desenvolvimento. Neste sentido apresentamos algumas ilustrações realizadas pelas crianças após a leitura de história, na intervenção realizada no projeto.



Ilustração 1: desenho realizado pela criança “A” após a leitura do livro: “Os doze trabalhos de Hércules” do autor Monteiro Lobato (acervo do projeto)

De acordo com Fornneck (2009) uma das melhores formas de auxiliar a criança doente é reconhecer as dificuldades do momento e ir além, transformando a experiência da

hospitalização em oportunidade contínua de desenvolvimento em sua vida. A literatura é arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, por meio das palavras, planta os sonhos e a vida prática, o imaginário real, os ideais e as possibilidades de realizações.

O contato com os livros proporciona o desenvolvimento de várias funções, entre elas a memória e a capacidade de estruturar informações. Segundo Bettelheim (1980), a fantasia facilita a compreensão das crianças, pois, aproxima-se mais da maneira como vêem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo. Para elas, o sol é vivo a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida, salienta o autor.



Ilustração 2: desenho realizado pela criança "B" após leitura do livro: "O menino que aprendeu a ver" da autora Ruth Rocha (acervo do projeto)



Ilustração 3: desenho realizado pela criança "C" após a leitura do livro: "O menino que aprendeu ver" da autora Ruth Rocha (acervo do projeto)

Por meio das histórias, consegue-se explicar questões e atitudes essenciais para o desenvolvimento infantil, ocupando, assim, os momentos de ócio da criança e promovendo a interação, na qual as crianças esquecerão, mesmo que por alguns instantes, os momentos de dor e sofrimento que estão vivendo. Desta forma, conforme argumenta Abramovich (1997, apud MATOS, 2009, p. 162) trabalhar com o imaginário:

É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outra idéia para solucionar questões [...] é uma possibilidade de descobirmos o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

Também, a contação de histórias, torna-se um momento em que se consolidam os laços afetivos de amizade entre os ouvintes e o contador e, é neste momento, que a criança sente-se parte da história, trazendo o imaginário para o seu cotidiano, podendo transformar sua realidade.

É neste contexto, que os momentos de leitura acontecem no projeto, sempre objetivando amenizar as tensões proporcionadas pelo processo de hospitalização, visando também o desenvolvimento dessas crianças, que afastadas do convívio social e escolar, não podem ser afetadas.

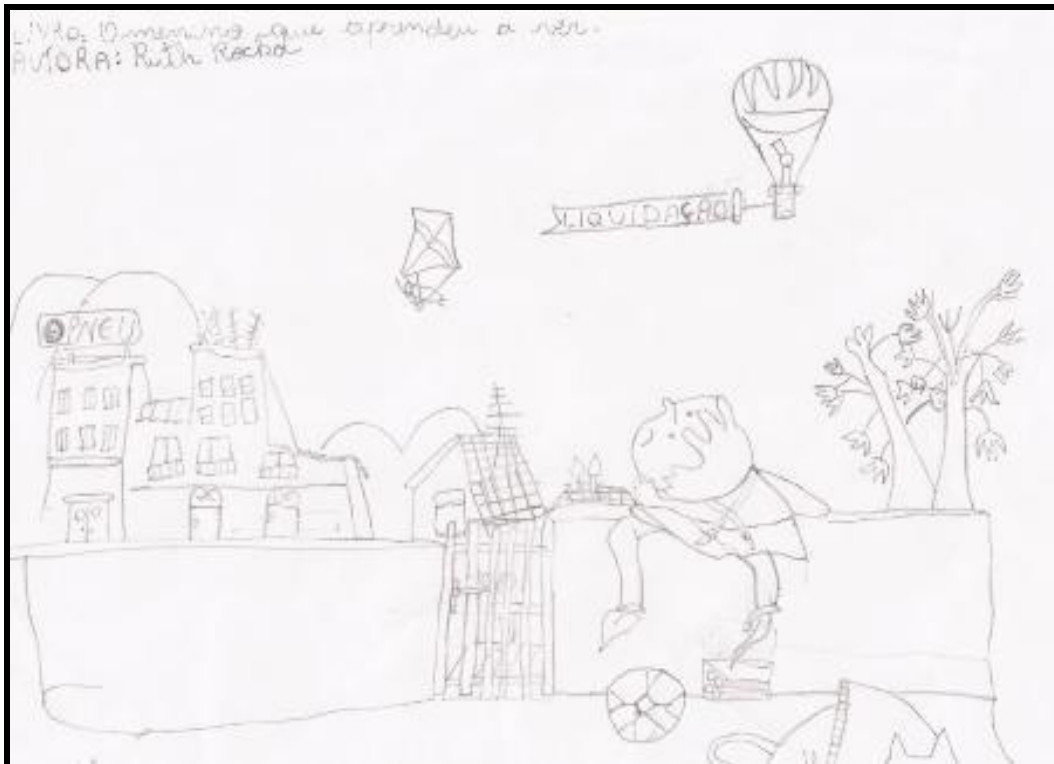


Ilustração 4: desenho realizado pela criança "B" após leitura do livro: "O menino que aprendeu a ver" da autora Ruth Rocha (acervo do projeto)



Ilustração 5: desenho realizado pela criança "D" após ouvir a história do livro: "Peter Pan" de Monteiro Lobato (acervo do projeto)



Ilustração 6 desenho realizado pela criança "E" após a leitura do livro: "Cinderela" (acervo do projeto)

É fundamental que o profissional da educação no ambiente hospitalar entenda que, naquele momento para a criança, ele é muito mais que professor, é um amigo, é um sujeito de extrema importância, é especial, é alguém com quem ela pode contar. A emoção está sempre em destaque neste ambiente. Enquanto bolsista do projeto, tive o prazer de estar perto de crianças maravilhosas, que mesmo em momentos delicados e muitas vezes tensos, demonstraram vontade de aprender, de saber/conhecer sempre mais.

A atenção que essas crianças necessitam é fundamental para sentirem-se instigadas a lutar contra o momento de tensão que estão passando e, continuarem a sonhar e desenvolver-se. A dedicação que cabe aos professores tanto na escola quando no hospital faz com que caminhos diferentes abram-se para que se possa trabalhar em diferentes espaços e em diversas situações e aprender com a diversidade de pessoas e de ambientes.

Fica evidente no trabalho com a Literatura Infantil, que esta abre caminhos para diálogos, descobertas e conquistas. Foi possível observar e analisar como essa ferramenta pode ser útil ao pedagogo na mediação do conhecimento visando sempre o bem-estar e desenvolvimento da criança hospitalizada.

Essa constatação é reforçada por Taam (2004) quando afirma que a ausência da professora no hospital é também a exclusão de um profissional que pode colaborar com a

equipe de saúde, na produção de bem-estar na criança, buscando o equilíbrio das emoções e favorecendo a compreensão da situação de adoecimento. A autora afirma ainda, que “[...] a tristeza, assim como o riso, é contagiosa, por isso nos é difícil suportá-la” (TAAM, 2004, p.142). O professor por meio da ação pedagógica pode intervir positivamente nas emoções da criança e dos adultos que a rodeiam e a literatura Infantil sem dúvidas é um recurso que auxilia na ação pedagógica na busca de tais objetivos

5 Considerações Finais

A realização do presente trabalho foi de suma importância, uma vez que possibilitou o aprofundamento do conhecimento sobre o tema desenvolvido, ampliando a compreensão sobre a atuação do pedagogo para além do ambiente comum: a escola. Por ser um tema pouco explorado em nossa formação acadêmica, foi possível saber mais sobre a pedagogia na ambiência hospitalar.

Ficou clara a importância da atuação do pedagogo no hospital, da prática pedagógica junto à criança que por motivo de doença está afastada do ambiente escolar e do convívio social, indispensáveis para o desenvolvimento por completo dessa criança.

A partir dos estudos realizados observa-se o reconhecimento dos pesquisadores de que no âmbito hospitalar se faz presente a fragilidade que crianças hospitalizadas sofrem, referem o processo de hospitalização como uma ameaça ao desenvolvimento da criança, diante ao fato de estarem afastadas de seu cotidiano, da família, de seus amigos e da escola, por tempo indeterminado.

A fragilidade apresentada pela criança enferma deve-se ao fato de estar com uma doença e ter que, em alguns casos, morar no hospital. Vale lembrar que a criança hospitalizada não deixa de ser criança, de ser aluno ou mesmo de ser o filho, ou seja, a criança continua vivenciando os papéis anteriores, acrescidos agora, de outro papel, que envolve mudanças inesperadas e indesejadas.

Diante das novas circunstâncias na vida da criança hospitalizada, muitas vezes ocorrem modificações de comportamento que podem ser atribuídas a este novo ambiente até então desconhecido. E, neste momento, muitas vezes a criança se apresenta insegura, ansiosa, com medos e dúvidas, com os aspectos psicológico e físico abalados, tudo isso, com um complicador, não pode mais fazer o que fazia, sofrendo, portanto, muitas restrições.

Verificou-se também que a literatura infantil é um excelente recurso pedagógico que muito pode contribuir com a formação e o desenvolvimento da criança, além de estimular a criança a sonhar, a viajar por mundos jamais vistos, a promover a interação de maneira espontânea entre o educador e educando e mesmo entre as próprias crianças.

6 Referências

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Resolução nº 41, de outubro de 1995. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 out. 1995.

BRASIL, Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: imprensa Oficial do Estado, p. 95. 1988

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação especial. Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF. p. 20. 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Definições e Normas das Instituições e serviços de saúde**. Diário Oficial da União, Seção I, p. 3929. 1997.

CAIADO, Katia Regina Moreno. O Trabalho Pedagógico no Ambiente Hospitalar: um espaço em construção. In: Maria Luísa Sprovieri Ribeiro; Roseli Cecília Rocha de Carvalho Baumel. (Org). **Educação Especial: do querer ao fazer**. 1 ed. São Paulo: Avercamp, 2003.

CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire et. al. Intervenção pedagógica junto à criança hospitalizada: memória e perspectiva. In **Pedagogia 35 anos: História e Memória**. Curitiba: Instituto memória, 2009. P. 299-311.

CALEGARI- FALCO, Aparecida Meire, et al. Intervenção pedagógica junto à criança hospitalizada: um olhar para a diversidade. In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de; FAUSTINO, Rosângela Célia. (Orgs). **Educação e Diversidade Cultural**. Maringá: Eduem, 2010.

CASTRO, Eline, F. **A Importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento da criança**. 2008. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com>> Acesso em: 18 de agosto de maio de 2011.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança Hospitalizada: Atenção Integral com Escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFGRS, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1995.

FONTES, Rejane. O desafio da educação no hospital: **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte – MG, 2005. P. 1-2

FONTES, Rejane de Souza. A escuta pedagógica a criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.26, maio/agosto 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid>> acesso em 16/04/2011.

FORNECK, Cirlei.A **Literatura Infantil promovendo a Educação no Ambiente Hospitalar**. publicado em setembro de 2009. Disponível em:<<http://www.webartigos.com/articles/24725/1/A-Literatura-Infantil-Promovendo-a-Educacao-no-Ambiente-Hospitalar/pagina1.html#ixzz0xikSowj2>> acesso em: 19/02/2011

HELD, Jacqueline. **Imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Ed. Summus, 1980

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **A literatura rarefeita: literatura e livro no Brasil**. São Paulo. Ática. 2002

MATOS, Elizete Lucia Moreira; MUGGIATI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Champagnate, 2001.

NOVAES, Luzia Helena Vinholes Siqueira. **Brincar é saúde: o alívio do estresse na criança hospitalizada**. 2ed. Pelotas: EDUCAT, 1998. p. 170.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. & FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar: Caminhos Pedagógicos entre Saúde e Educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

PAULA, Ercília, M. A, T; FOLTRAN, Elenice, P. **Brinquedoteca Hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados**. Disponível em: <http://www.uepg.br/revista_conexao/edição03/artigo4.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2011.

SANTIAGO, R. **Termina prazo para construção de brinquedotecas em hospitais**. Folha de São Paulo 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u113304>>. Acesso em: 16 de julho de 2011.

TAAM, R. **Pelas trilhas da emoção: a educação no espaço da saúde**. Maringá: EDUEM, 2004, p. 69-102.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOSTKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina, **Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor**. In. —. **A produção Cultural para a criança**. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

ZILBERMAN, Regina, **A literatura Infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.